

# Audiolivro: um suporte para a educação literária

Maria Salete Daros de Souza<sup>1</sup>

Rubia Aparecida Celva<sup>2</sup>

Vanessa Helvdjian<sup>3</sup>

---

## Resumo

Introduzir o audiolivro como suporte para a educação literária dos alunos é o propósito deste estudo. O audiolivro, ou livro falado, está sendo descoberto aos poucos no Brasil. Dados revelam que a competência leitora é ainda frágil entre crianças e jovens brasileiros e que o gosto de ler literatura ainda não é um dado cultural em nosso país. Com o objetivo de atrair e despertar o interesse dos alunos para a leitura, incluímos o audiolivro na metodologia de trabalho. Desenvolvido com alunos de quinta série do Ensino Fundamental de uma escola municipal, o projeto comprova resultados bastante animadores e conclui que esse novo suporte pode ser usado com sucesso em aulas de leitura e de literatura. A proposta enseja contato com gêneros textuais diversos, impressos e/ou eletrônicos, e propicia novas circunstâncias de leitura, estendendo o universo da metodologia das aulas de Língua Portuguesa para além do suporte de papel.

## Palavras-chave

Audiolivro; literatura; formação de leitores.

## Abstract

Introducing the audiobook as a support for the students' literacy education is the aim of this study. The audiobook, or spoken

book, is little by little being discovered in Brazil. Data show that the reading competence is still fragile among Brazilian children and young people, and that the taste of reading literature is not a cultural data in our country yet. With the objective of attracting and arousing the interest of the students in reading, we included the audiobook in the methodology of work. Developed with students of a 5<sup>th</sup> grade of a municipal school, the project confirms very stimulating results and concludes that this new support can be used with success in classes of reading and literature. The proposal attempts contact with several textual genres, printed and/or electronic, and propitiates new circumstances of reading, extending the universe of the Portuguese classes methodology beyond the support of the paper.

## Keywords

Audiobook; literature; readers' formation.

## O lugar do narrador

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. (BENJAMIN, 1986, p. 213)

- 
- 1 Mestre em Literatura pela UFSC e professora dos cursos de Letras e de Pedagogia do Centro Universitário de Brusque – Unifebe (SC). Presidente do Conselho Editorial da Revista da Unifebe e autora dos livros *A conquista do jovem leitor: uma proposta alternativa* e *Desamores: a destruição do idílio familiar na ficção contemporânea*. E-mail: dsouza@unetvale.com.br
  - 2 Acadêmica do Curso de Letras do Centro Universitário de Brusque – Unifebe (SC). E-mail: rubiacelva@hotmail.com
  - 3 Acadêmica do Curso de Letras do Centro Universitário de Brusque – Unifebe (SC). Professora de inglês em escolas de idiomas desde 1998. E-mail: vanessa\_jian@uol.com.br

São emblemáticas as figuras do narrador e de quem o ouve. E o são, tanto na revisitação da história das narrativas universais, como também na história de vida de cada um. Ou seja, essa relação, a despeito de ser universal, de ter uma ancestralidade ontológica, particulariza-se nas diferentes histórias de vida dos indivíduos, ganhando contornos específicos, revestidos sempre de importância e de significados novos, próprios de cada sujeito e de cada tempo histórico.

A propósito de experiências particulares e vitais nesta área, sejam elas ligadas à idílica reclusão familiar da proximidade materna – estendida a tias e avós, de sangue ou eleitas –, sejam em situações posteriores, sejam em outros estágios da vida, o que conta é que todas as vivências rememoram situações intimistas e prazerosas da relação de ouvir alguém ler ou contar.

Na linha do tempo, o contador de histórias é milenar. Está ligado aos contos de fada, às caravanas, às fábulas orientais, à curiosidade dos que esperavam por esses momentos de companhia, de contato com um mensageiro que lhes trazia novidades, que lhes descortinava o desconhecido, sobretudo que lhes alimentava o imaginário e o desejo de habitar outros lugares, de conviver e de compartilhar com outros seres, de coabitar o desconhecido.

Marco Polo teria magnetizado Kublai Khan com as narrativas das viagens a terras desconhecidas.

Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores. (CALVINO, 1990, p. 9).

Sherazade teria conquistado a própria vida por ter, antes disso, cativado um ouvinte para suas narrativas.

Essa companhia de ambos, narrador e ouvinte, parece ter, antes de tudo, um pacto realizado para o enlevo, para o estágio de inebriamento da narrativa.

Na circunstância de escutar, como bem o diz Walter Benjamin, está a companhia, a partilha. E essa companhia está ligada a uma voz concreta, materializada, que soa naquele momento, que tem

melodia, que talvez se aproxime da voz materna, do berço e dos narradores das caravanas. Neste particular, essa voz diferencia-se da outra voz, que está sempre presente em todas as leituras que fazemos, a do interlocutor imediato, imaginado, com quem podemos dialogar a cada intervenção nossa no ato da leitura. Aqui, a voz está materializada, é cantiga, soa, é melodia, é presença.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1986, p. 205).

E parece ser esse aspecto a marca do narrador, que garante a continuidade da cadeia de narradores ao longo da história da humanidade. É provável que haja um desejo de narratividade, uma incumbência ancestral que move cada indivíduo para o ato de narrar, colocando-se esse, primeiramente, como ouvinte; depois, como narrador. É novamente Benjamin quem alerta para o artifício da concisão, elemento facilitador da memorização das narrativas que, uma vez alcançada, “mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.” (Ibidem, p. 204). É, portanto, a naturalidade, ou a ausência de complexidade, que dá continuidade ao fio da narrativa e da oralidade. Em outras palavras, foi essa forma, foi esse o recurso, o ardil que manteve indissociáveis ouvintes e narradores, selando um compromisso, não dito, mas efetivado, de dar continuidade a essa tessitura ficcional para saciamento da necessidade de ouvir sobre o desconhecido, de desvendar universos, de maravilhar-se com o inimaginado e de, com o maravilhamento, fazer-se feliz, descobrir-se (no) outro.

Em não havendo recursos sofisticados, a humanidade criou-os na simplicidade e fez-se sábia. Até porque, além do alimento ficcional, as narrativas têm, muitas vezes, um componente prático, utilitário, qual seja, um ensinamento moral ou uma norma de vida, expli-

citado nas narrativas ou nos provérbios. Seja por um ou outro motivo, tanto o utilitário quanto o onírico engendram o componente humano nas suas necessidades vitais de contar e de ouvir.

Posteriormente, com o surgimento das formas escritas, o narrador firma-se no interior dos diferentes gêneros narrativos, e a interlocução com o ouvinte – posto que existente – passa a ser mais solitária e inaudível. Evidentemente, a escrita e a imprensa, de certa forma, des- tronaram a oralidade, que passou a ter uma valoração social diversa, digamos assim, e, no mais das vezes, designada “folclore”.

Ocorre que o pacto dos personagens ouvinte/narrador, uma vez selado, não se desfaz e passa a existir com outros contornos, para atender a outras necessidades sociais.

### Livro de areia

O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última. (BORGES, 1999, p. 81).

Figurativa e metafórica é a frase do narrador de *O livro de areia*. Cabe no auxílio à compreensão da leitura, da interpretação, do texto, da literatura. Cabe também, no entanto, para a introdução de uma conversa sobre outras modalidades ou suportes de leitura que talvez possam ser chamados de “livros de areia”, por terem uma materialidade que os diferencia dos demais livros impressos, formados por páginas e por sessões que os tornam finitos nas suas materialidades como objetos portadores de textos, guardiões de escrituras.

Os suportes que se diferenciam dos tradicionalmente conhecidos, os criados ao tempo da virtualidade, suscitaram discussões e preocupações no que diz respeito à sua inusitada materialidade e originalidade. Textos eletrônicos, bibliotecas universais estariam a serviço da realização de um sonho da humanidade ou da morte do livro? Muitas cogitações e estudos mereceram essas criações que estão atualmente abrigando produções dos indivíduos e decisivamente fazendo parte – e cada vez mais – da vida, na contemporaneidade.

Regina Zilberman (2001) e Roger Chartier (1999) estudam a trajetória do livro, desmitificando a possibilidade de seu desaparecimento, e comprovam que todas as transformações pelas quais o livro passou através da história contemplam o intuito de tornar o objeto livro mais

acessível com relação ao preço e à forma. Chartier (op. cit.) afirma que o livro surgiu como forma de preservação da cultura, das ideias, das histórias. Havia um temor pela perda dessa informação; então, iniciou-se uma busca pelos textos ameaçados, um interesse pela impressão dos manuscritos e pela edificação de grandes bibliotecas que abrigassem esses livros, culminando com o projeto da biblioteca de Alexandria. Desde então, “o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais” (Ibidem, p. 117), e a biblioteca universal idealizada tornou-se possível com o advento do texto eletrônico.

O significativo, nesse particular, é a virtualidade dos suportes, o que os aproxima, em termos de infinitude, aos conteúdos que em si trazem. A ausência de finitude nos limites dos portadores de textos assemelha-se ao livro do conto de areia que, dando-se a ler, interpunha várias folhas, como se brotassem do livro, e que, por isso, segundo o narrador, disseram que “se chamava o Livro de Areia, porque nem o livro nem a areia tem princípio ou fim”. (BORGES, op. cit., p. 80).

Estamos diante, então, de textos “não presentes” ou “desterritorializados”, como refere Pierre Lévy, porque, embora não totalmente independentes do espaço-tempo de referência, pois estão inseridos em suportes físicos e atualizam-se em alguns momentos, “uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário.” (LÉVY, 1996, p. 1).

Com essa feição, e guardadas algumas especificidades, estão a nosso favor, disponíveis, também os CDs, os vídeos, os *pen drives*, os MP3 *players* e outros tantos assemelhados. Da família dessa geração faz parte o audiolivro (livro falado ou *audiobook*), forma inovadora de acesso à literatura, que ressuscita, de certa forma, mais intimamente, a ancestral relação do narrador com o ouvinte.

A cada tempo histórico a humanidade tem criado formas de narrativa associadas a diferentes modalidades de canais e de comunicação. Especificamente, o audiolivro recria mais de perto a relação intimista entre ouvinte e narrador; restitui e reconstrói, amparado em suporte tecnológico, e com maior fidelidade, a ancestral relação. Evidentemente, nesse caso, é virtual a presença do contador ou do narrador; em contrapartida, porém, está presente a voz, a sonoridade, o tom que se ausenta em materialidade quando na feitura de um livro impresso.

O audiolivro vem justamente resgatar a voz e, nesse sentido, individualizar e personificar o narrador, atribuir-lhe a vida que, de certa forma, lhe haviam tirado ou que ainda lhe tiram, no texto impresso.

Conforme nos auxilia Ricardo Piglia, “se o narrador é aquele que transmite o sentido do vivido, o leitor é aquele que está em busca do sentido da experiência perdida” (PIGLIA, 2006, p. 100); então, talvez estejamos diante de uma situação que, salvo o caráter da virtualidade, conjuga as duas experiências: a de ler e a de narrar. No audiolivro, o ouvinte é encantado, tem de aceitar o tom e a velocidade da voz que lê, como se estivesse diante das cantigas de ninar, que conduzem para o sono. É, também, sem dúvida, um recurso bastante próximo das milenares sessões de contação e, posteriormente, das sessões de leitura, quando os poucos dotados da capacidade de ler, ou por serem privilegiados portadores de livros, reuniam a seu redor os ouvintes.

Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores. Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família. (MANGUEL, 1997, p. 138).

Também na sociedade brasileira, até a primeira metade do século XIX, “a experiência coletiva e o modo participativo de recepção das histórias eram decorrentes do analfabetismo ou era praxe.” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1999, p. 270).

Portanto, a leitura coletiva remonta a manifestações antigas e populares da arte de contar histórias, processo de fruição narrativa empurrado para a solidão da leitura individual com a industrialização da produção de livros.

Na contemporaneidade, apesar da diversidade de suportes de leitura, o acesso aos livros ainda não está democratizado, e o gosto ou o hábito de ler ainda demanda muito investimento, até que nos possamos reconhecer como um país que lê. Dessa feita, é pertinente pensar em modalidades diversas de leitura, objetivando conquista e sedução

de jovens leitores. Seja, então, pela cumplicidade, seja pela companhia, importa propor e exercitar a leitura compartilhada; neste caso, através da voz do leitor, gravada em novo suporte, o audiolivro.

### O audiolivro dando-se a conhecer

Também conhecido como “livro falado” ou *audiobook*, o audiolivro é mais uma ferramenta e uma forma inovadora de acesso à leitura e à literatura.

Nos Estados Unidos, o audiolivro responde por 10% a 15% das vendas de livros, com 30 mil títulos disponíveis apenas em um único site, o Audible<sup>4</sup>. Tendo ganhado corpo na década de 1980, a tradição e o gosto pela leitura falada, naquele país, vêm desde os anos 1950. Os registros históricos dão conta de autores como Dylan Thomas, por exemplo, que lançou um disco no qual ele próprio lia um conto e poemas de sua autoria. (TEIXEIRA, 2006, p. 135).

Na Europa, a popularidade dos audiolivros varia de país para país. Na Alemanha, por exemplo, além do Instituto Goethe, existem editoras especializadas, bares, locais e festivais para apresentações de audiolivros. A grande Feira Internacional de Livros de Leipzig e o Festival Internacional de Literatura de Berlim contam com estandes de venda voltados à apresentação de audiolivros. Na Itália, eles são pouco apreciados. Na França, menos ainda. (AUDIOLIVRO, 2004). Na Inglaterra, os CDs de literatura gravada vendem bem, mas, de acordo com o *PublishNews*, “apenas uma em cada 20 pessoas prefere comprar uma versão eletrônica de um livro em vez de uma cópia impressa” (ONE IN 20, 2008).

No Brasil, há duas empresas que estão investindo nesse ramo, com vendas através da internet e em livrarias: a Voolume, hoje Plugme (2008), e a Audiolivro Editora (2008). Considerado um mercado ainda tímido, a Voolume registrou venda média de 700 livros/mês, contra 1.000 livros da Audiolivro.

A despeito da valoração desse novo suporte de leitura, convém não distanciar a ideia de que o audiolivro está incluído entre os arte-

4 [www.audible.com](http://www.audible.com)

fatos da indústria cultural. E que

o ponto em que opera a indústria cultural é justamente na transformação de mercadorias em “bens simbólicos”, quando então elas passam a representar necessidades e a funcionar como suas provedoras. Assim, a posse desses “bens” é símbolo de posição social e fonte de prazer. (PELLEGRINI, 1999, p. 199-200).

Nessa perspectiva e tendo ciência do caráter mercantilizador da indústria cultural, que atravessa também a produção de audiolivros, reconhecemos o lugar desse dispositivo leitor, muito embora concordemos com Jerônimo Teixeira que compreender um enredo e um autor elaborados “exige o recolhimento que só um livro em papel oferece” (TEIXEIRA, op. cit., p. 135).

É também o livro falado um instrumento valioso de inclusão social, fazendo parte, no Brasil, da história de fundações como a Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Instituto Benjamim Constant, cuja produção de revistas e livros falados e de obras acadêmicas no formato digital acessível – projeto Livro Digital Acessível, Lida<sup>4</sup> – é distribuída gratuitamente para pessoas com deficiência visual e para centenas de escolas, bibliotecas e organizações de todo o país.

Além das iniciativas de organizações de toda ordem, é constatável também a movimentação de políticas governamentais em relação à democratização da leitura via *audiobooks*, visando à inclusão social de portadores de dificuldades visuais.

Sabemos, por exemplo, que a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado Federal<sup>5</sup> aprovou, em junho de 2008, o projeto de lei autorizando o governo a disponibilizar na internet os arquivos digitais (em áudio ou braille) de todos os livros adquiridos pelos programas governamentais (BRASIL, 2008).

Além do caráter de inclusão social, como ferramenta e tecnologia, o audiolivro carrega especificidades que o avantajam em seu

uso. Por exemplo, o tempo em que se executam outras tarefas diárias, como exercícios físicos, uma viagem ou uma volta pela cidade, pode ser aproveitado para *ler*. Há, portanto, trunfos próprios dessa forma de leitura que podem ajudar a desenvolver o interesse das pessoas pela literatura ou efetivar e garantir seu letramento literário.

Nessa esteira é que damos a examinar o relato de um projeto sobre audiolivro, desenvolvido por alunos do curso de Letras do Centro Universitário de Brusque (Unifebe), em dois momentos de pesquisa.

### Projeto I – Audiolivro: educação literária ou mercadoria?<sup>6</sup>

O projeto de pesquisa nomeado *Audiolivro: educação literária ou mercadoria?* tinha como objetivos: indagar se o audiolivro é uma alternativa midiática mercadológica ou de educação literária, e vivenciar uma produção em audiolivro, formulando hipóteses sobre sua importância e sua aplicabilidade na formação do gosto pela literatura.

Os estudos e as pesquisas a respeito do audiolivro conduziram o grupo a algumas indagações. A principal delas especulava se o audiolivro não seria apenas um “bem simbólico” alardeado e mercantilizado pela indústria cultural, associado a gêneros facilmente aceitos, de leituras simplificadas, ou se haveria também para ele um espaço mais acadêmico.

Foram realizadas pesquisas em *sites* comerciais, de bibliotecas de universidades, de órgãos públicos e em escolas da região de Brusque.

Descobriu-se que o audiolivro, diferentemente do que ocorria na Europa e nos Estados Unidos, ainda era pouco utilizado no mercado nacional. Na época da pesquisa, havia apenas duas empresas com *sites* próprios na internet que publicavam obras nesse formato: o Voolume e o Audiolivro. No Voolume (2006), então com oitenta títulos disponíveis nesse suporte, o resultado mostrou que existiam, entre várias categorias (*ficção*, *best-sellers*, *história*, *autoajuda*, *clássicos*), obras lite-

4 O Livro Digital Acessível – Lida – permite ao leitor cego ou com baixa visão um amplo acesso à literatura destinada ao estudo e à pesquisa. Oferece ao usuário amplas possibilidades e facilidades na exploração de textos, tanto em áudio como em letras ampliadas. (LIDA, 2008).

5 <http://www.senado.gov.br/sf/atividade/comissoes/conscomperm.asp?com=1363>

6 Projeto desenvolvido no segundo semestre de 2006.

rárias de autores nacionais, bem como alguns títulos de autores estrangeiros. O Audiolivro (2006), então com apenas catorze títulos disponíveis, trazia mais títulos de autores considerados *best-sellers*.

As bibliotecas universitárias pesquisadas foram duas: a da Universidade de São Paulo – USP (2006) – e a da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul (2006). A da USP apresentava uma lista com 25 títulos em audiolivro, contemplando obras clássicas, e seu acervo fora criado visando à inclusão das pessoas com deficiência visual. A da Unisul disponibilizava somente treze títulos, voltados também para as pessoas com deficiência visual. Os acervos em livros falados, criados pelas bibliotecas, destinados à inclusão dos portadores de deficiência visual, tiveram a participação de entidades específicas, tais como: Centro Cultural São Paulo/ Biblioteca Braille, Fundação Dorina Nowill para Cegos, Instituto de Cegos Padre Chico, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai – de Itu, USP/ Retina e o projeto Livro Digital Acessível – Lida (2006).

As entrevistas realizadas com professores de sete escolas das cidades de Brusque (SC) e São João Batista (SC) revelaram que o audiolivro era totalmente desconhecido para eles.

Também foram feitas pesquisas no Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – (2006) e na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – (2006), onde se constatou a total ausência de títulos disponíveis em audiolivro. Na programação do Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL – (2006) constava um projeto de digitalização de livros para portadores de deficiência visual que previa vinte títulos nesse formato em 2006, cinquenta títulos em 2007 e oitenta títulos em 2008.

Analisados os resultados, o grupo constatou que, contrariamente à hipótese inicial e, embora de um modo ainda bastante discreto, o audiolivro está sendo utilizado também para a divulgação de obras literárias de referência, clássicas, inclusive, valorizando autores brasileiros; e que não somente títulos de *best-sellers* estão sendo comercializados.

Concomitantemente à pesquisa, em setembro de 2006, foi realizada a produção de um audiolivro. Escolhemos transformar *Compêndio*

*para uso dos pássaros*, de Manoel de Barros (2006), em livro falado. O suporte técnico para a gravação do CD foi oferecido por uma profissional da área do rádio, que acompanhou o grupo durante as gravações, utilizando o *software* Forge 6.0. Essa parte prática da realização do projeto de pesquisa foi bastante prazerosa e apontou a possibilidade de trabalhar com a nova ferramenta em sala de aula, seja para gravação de audiolivro que reproduza um autor consagrado, seja para textos de autoria dos alunos. Essa hipótese despertou o interesse do grupo em estender a pesquisa sobre o livro falado e verificar sua aplicabilidade em sala de aula.

### Projeto II – Audiolivro: uma proposta de educação literária<sup>7</sup>

Constatado que os livros em formato falado – audiolivros – não são apenas alternativas mercadológicas, o grupo deu prosseguimento às pesquisas no primeiro semestre de 2007. Além de vivenciar a produção de mais um audiolivro entre os acadêmicos, o projeto *Audiolivro: uma proposta de educação literária* pretendia testar sua aplicabilidade em escola, demonstrando-o e realizando exercícios de gravações com uma classe regular de alunos.

Assim o grupo encaminhou a produção de outro audiolivro entre os acadêmicos: o interesse voltou-se para os contos de Clarice Lispector, pela comemoração, naquele ano, dos trinta anos de morte da autora e da publicação de *A hora da estrela*. Selecionados os contos, foi feita a gravação, que gerou uma antologia de contos de Clarice Lispector de resultado técnico satisfatório.

A vivência com a classe, etapa seguinte do projeto, deu-se com alunos de uma quinta série do período matutino da Escola Municipal de Ensino Fundamental Isaura Gouvêa Gevaerd, do bairro Thomaz Coelho, em Brusque (SC), na data de 27 de junho de 2007.

Feita a apresentação do projeto aos alunos e a explicação do que é um livro falado, os acadêmicos procederam à apresentação do audiolivro com os poemas de Manoel de Barros, anteriormente pro-

<sup>7</sup> Desenvolvido no primeiro semestre de 2007.

duzido pelo grupo. Na sequência, dividida a classe de 25 alunos em cinco grupos, foram distribuídos livros de poesias de diferentes autores brasileiros que deveriam ter poemas escolhidos pelos grupos e preparados para a gravação.

Escolhidos os poemas e preparada a leitura exemplar com auxílio dos acadêmicos, iniciou-se a gravação, da qual todos os alunos participaram e cujo resultado foi uma antologia de poemas de autores brasileiros em CD-ROM. Terminadas as gravações, alunos e professores da classe – a de Português, que cedeu o espaço de duas aulas, e a de Inclusão – responderam um questionário avaliativo, posicionando-se sobre a atividade realizada.

A análise dos resultados, apurados através dos questionários e dos registros das observações dos acadêmicos e da professora orientadora do projeto, comprovou que o audiolivro é realmente um recurso pedagógico que motiva e desperta interesses, podendo-se considerar favorável, portanto, a sua aceitabilidade.

Vinte e quatro dos alunos da classe em que se desenvolveu a vivência não tinham conhecimento do audiolivro e apenas um disse conhecê-lo através de histórias infantis. Quando perguntados se tinham gostado da atividade, todos os alunos responderam que gostaram de *ler* ouvindo um audiolivro. Perguntados quanto à participação na gravação do audiolivro em sala de aula, dezessete alunos disseram que acharam *legal*, quatro disseram que foi ótimo e outros quatro afirmaram que gostariam de repetir a atividade. Indagados se considerariam mais atraente um livro que viesse acompanhado também de um CD (audiolivro) para que pudessem ouvi-lo, a resposta obteve um índice positivo de 96%; apenas um aluno respondeu preferir ler a ouvir o livro. Os alunos declararam que gostariam que o projeto tivesse continuidade, com atividades envolvendo o livro falado em aulas regulares.

Uma das duas professoras da classe afirmou já conhecer o audiolivro através da literatura infantil. Ambas consideraram-no importante para sua vivência como professoras leitoras, mas até aquele momento não o tinham utilizado como recurso pedagógico. Afirmaram considerá-lo um recurso inovador e importante na formação de leitores. Ambas aprovaram a atividade realizada pelos acadêmicos e reconheceram o sucesso obtido e o envolvimento dos

alunos. Declararam ainda que consideram uma prática viável para ser realizada em sala de aula, para instigar o interesse pela leitura.

De posse desses dados, concluímos que o audiolivro é, efetivamente, um excelente suporte de educação literária e que resultado mais satisfatório poderá ser obtido, se associado à prática de sua produção em sala de aula, por ser uma vivência diferenciada que, além do letramento literário, resgata e valoriza a leitura e a oralidade.

### Retomando a questão

É bem verdade que não existem soluções mágicas para transformar um país de lenta história educacional e de formação de leitores tardia em um país que lê. Tampouco podemos colocar todas as nossas expectativas em um dispositivo eletrônico. Porém, investigar e examinar possibilidades que, somadas às já conhecidas, enriqueçam o trabalho, é salutar. Nesse sentido, o audiolivro tem aspectos favoráveis.

Das benesses da relação leitor e ouvinte, Albert Manguel (op. cit., p. 144-145) destaca: “Ouvir alguém ler permite ao ouvinte uma escuta íntima das reações que normalmente devem passar despercebidas, uma experiência catártica”; por outro lado, “ler em voz alta não é um ato privado, a escolha do material de leitura deve ser socialmente aceitável tanto para o leitor como para o público” (Ibidem, p. 145). Portanto, vivência benéfica para ambos, envolvendo escolhas e adequação. Sem contar que ler em voz alta força frequentemente o leitor a tornar-se mais metucioso, a ler sem pular e sem voltar a um trecho anterior, desenvolvendo uma certa formalidade ritual, formalidade essa que será positiva na preparação e/ou na escuta de um audiolivro.

Constatamos, através desse projeto, que o audiolivro carece de conhecimento no Brasil; há um caminho a ser percorrido, até que se torne popular, mas acreditamos que o conhecimento dele, também como recurso pedagógico, poderá ser muito significativo no trabalho dos educadores com a formação de leitores.

Sabendo-se que os jovens são atraídos por MP3 *players*, iPods e outros recursos e que passam grande parte do tempo com seus fones de ouvido, o audiolivro, por fazer parte desse universo eletrônico, pode ter certa garantia de aceitabilidade na oferta de literatura que se faz a eles.

Favoravelmente a especulações desse projeto, sabemos que existem hoje várias editoras apostando nesse segmento e que praticamente todos os títulos de livros também estão sendo lançados em audiolivros, sejam eles de ficção, não ficção, infantis, biografias ou outros. A Ediouro, por exemplo, vai lançar títulos em audiolivros tanto no formato de CD como através de *download* na internet, a começar por contos de Nelson Rodrigues lidos pelo ator Milton Gonçalves (TEIXEIRA, 2007, p. 122-123).

No que diz respeito à escola, e para o melhor desempenho de atividade similar à que desenvolvemos neste projeto, é importante que o professor tenha domínio da parte técnica. Existem ferramentas adequadas para as gravações em audiolivro, como o *software* Forge 6.0, utilizado nessa experiência. É necessário, no entanto, conhecimento de seu funcionamento para que se tire o melhor proveito de todas as possibilidades do programa. Um aspecto favorável é o fato de muitas escolas estarem, atualmente, equipadas com laboratórios de informática, o que possibilita o uso de *softwares*. Caso a escola não tenha esses recursos, poderia ser utilizado um gravador comum, com microfone, o que, evidentemente, resulta em trabalho tecnicamente menos qualificado.

Ressalta-se, ainda, a limitação de tempo que se tem nas circunstâncias de um projeto. O desejável é que um trabalho dessa natureza seja amplo e que contemple diferentes instâncias da linguagem, como leitura, contação e produção textual. Sobretudo, que permita largos momentos de leituras e de seleção de textos, podendo ser feita opção por temática, por autor ou por gênero, e com a participação dos alunos na escolha das leituras e na organização dos trabalhos.

Quanto a supostos temores e receios relativos a tecnologias, é importante ratificar o entendimento de que “a relação entre o fazer uma obra literária e sua recepção é sempre dinâmica, sujeita às convenções, que são em si mesmas formas de uma organização social em movimento” (REMÉDIOS, 2005, p. 142). Oxalá se tenha compreensão dessa mobilidade social e se consiga voltar atenção para a adequação deste objeto, o audiolivro, em benefício da recepção e da expansão do conhecimento das obras literárias.

O significativo é que, guardado o embevecimento histórico relativo à oralidade, às narrativas e às reuniões para leitura coletiva, a

modalidade atual, revista aqui em forma de audiolivro, deve ser cada vez mais democrática, como opção para o enriquecimento dos indivíduos e para a perpetuação do prazer de ouvir e de contar. Alocada que esteve, desde sempre, na voz humana, a narrativa – e não só ela, mas também os demais gêneros literários – continuarão a perpetuar-se em todas as modalidades de suporte, inclusive em livro falado.

### Referências bibliográficas

- AUDIOLIVRO Editora. Disponível em: <<http://www.audiolivro.com.br>>. Acesso em: out. 2006 e jul. 2008.
- AUDIOLIVRO vira moda na Alemanha. *Deutsche Welle*, Alemanha, 26 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.dwworld.de/dw/article/0,2144,1179817,00.html>>. Acesso em: set. 2006.
- BARROS, M. de. *Compêndio para uso dos pássaros*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. v. 1. (Obras escolhidas).
- BORGES, J. L. “O livro de areia”. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. p. 79-83. v. 3.
- BRASIL. Senado Federal. *Comissão do Senado aprova maior acesso de deficientes visuais aos livros*. Brasília, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Comissoes/consComPerm.asp?com=1363>>. Acesso em: 15 set. 2008.
- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br>>. Acesso em: out. 2006.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL – FNLIJ. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br>>. Acesso em: out. 2006.

- INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <<http://ibcserver0c.abc.gov.br/index.php?blogid=1&query=audiolivros>>. Acesso em: out. 2006.
- LÉVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIVRO DIGITAL ACESSÍVEL – LIDA. Disponível em: <<http://www.lida.org.br>>. Acesso em: 22 set. 2008.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ONE IN 20 prefer the e-book. *The Bookseller.com*, London, May 2008. Disponível em: <<http://www.thebookseller.com/news/59873-one-in-20-prefer-the-e-book.html>>. Acesso em: 15 set. 2008.
- PELLEGRINI, T. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- PIGLIA, R. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA – PNLL. Disponível em: <<http://www.pnll.org.br>>. Acesso em: out. 2006.
- PLUGME. Disponível em: <<http://www.plugme.com.br>>. Acesso em: 28 set. 2008.
- PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=371>>. Acesso em: out. 2006.
- REMÉDIOS, M. L. R. “Da função à atualidade: a formação da identidade cultural na literatura brasileira”. In: \_\_\_\_\_; BORDINI, M. G.; ZILBERMAN, R. (Org.). *Crítica do tempo presente: estudo, difusão e ensino de literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas/Instituto Estadual do Livro, 2005. p. 139-153.
- TEIXEIRA, J. Leitura de ouvido. *Veja*, São Paulo, ano 39, n. 35, p.135, 6 set. 2006.
- \_\_\_\_\_. O império do come-quieto. *Veja*, São Paulo, ano 40, n. 24, p.122-123, 20 jun. 2007.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Biblioteca universitária*. Disponível em: <<http://usp.br/biblioteca>>. Acesso em: out. 2006.
- UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. *Biblioteca universitária*. Disponível em: <<http://www.unisul.br/biblioteca>>. Acesso em: out. 2006.
- VOOLUME. Disponível em: <<http://www.voolume.com.br/default.asp?code=4>>. Acesso em: out. 2006 e jul. 2008.
- ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.
- \_\_\_\_\_; LAJOLO, M. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- Recebido em maio de 2009 e aceito em março de 2010.